

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

FUNDADO EM 17-6-1917

Redator-Gerente: RODOLFO FELIPE

Redação e administração
AVENIDA RANGEL PESTANA N.º 231
(Antiga Ladeira do Carmo, 9)

ASSINATURAS:
Numero avulso \$200 -- Semestre \$500
Ano 105000 -- Pacote: 12 exemplares 25000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados à Caixa Postal, 190
S. Paulo — Brasil

Os que sabem morrer

Morreu Medeiros e Albuquerque. Não é por ter morrido que dele nos vamos ocupar neste numero de "A Plebe". A morte de um homem de letras, como a morte natural de todos os homens, é um fato naturalíssimo, que não deve surpreender nem contristar.

Morreu porque tinha de morrer um dia, como temos de morrer todos nós. Mas Medeiros e Albuquerque soube morrer, coisa que acontece a muito poucos. Saber morrer requer maior coragem do que saber viver. A hora da morte, quando se trata de homens que tem alguma popularidade, as forças do atavismo secular se reúnem para destruir no homem a beleza da morte, no caráter das atitudes coerentes.

Guerra Junqueiro, que escreveu os mais fortes anátemas contra o obscurantismo do Vaticano, que nos 40 anos de sua vida ativa derramou estrelas cadentes contra o edificio clerical, à hora da morte aceitou, segundo dizem, a presença do cura da sua aldeia. Não soube morrer!

Os que sabem morrer são poucos. Entre esses poucos, Medeiros e Albuquerque foi um dos mais fortes.

A sua vida é como a vida de todos os homens. Filho de uma sociedade onde tudo concorre para que o homem seja um farrapo de atitudes, como todos, Medeiros e Albuquerque teve a sua vida emporcalhada pelos interesses creados. Escreveu sob os ditames das conveniências sociais, foi político entre os políticos, bajulou muitas vezes, feriu outras, com maior ou menor soma de veneno. Mas na morte ele foi um homem.

Mais do que um homem, foi um super-homem, como diria Emerson.

Ao morrer deixou algumas recomendações que ferem de morte os preconceitos.

Disse, por exemplo, que não queria missas de sétimo dia, que não as queria de especie alguma.

E ainda pediu que não sofissem com a sua ultima vontade.

Contra esse arebouço de mentiras, hipocrisia e vaidades de que é formado o regime capitalista, Medeiros e Albuquerque desferiu em tremendo golpe de despreso: pediu para ser enterrado num caixão de 3.ª classe, para arrancar a máscara á cana ha dou-rada que o havia de acompanhar á ultima morada.

Com que fingida boa vontade iriam figurões da politica, das finanças, da magistratura, do alto commercio e outras glorias nacionais acompanhar o caixão de 3.ª classe onde ia Medeiros e Albuquerque!

Não faltaram tambem como sempre acontece com homens ilustres, quem fôsse á sua cabeceira de morte para mandar recados ao céu. Mas Medeiros e Albuquerque, sereno, forte, não se quis tornar portador dessa encomenda, negando a existencia de deus num sinal negativo de sua cabeça que deixa a vida.

SOUZA PASSOS.

ANIVERSARIO de "A Lanterna"

No proximo dia de julho, dia 14, no Salão Gêso Garcia, á rua do Carmo, 25, os amigos e colaboradores do jornal anticlerical "A Lanterna", levantarão o efeito um grandioso festival para comemorar o seu primeiro aniversario da nova fase.

Serão representadas duas peças de grande efeito cênico, originaes: "O scelerado João de Medicis" e "Vozes do Céu", a primeira de autoria de Andrade Silva e a segunda de Mota Assunção. Iniciar-se-á o festival com um dia comemorativo, seguindo-se uma conferencia sobre a obra do jornal.

Haverá tambem e colhidos recitativos e numeros selecionados de dia variado.

Os convites poderão ser procurados na redação de "A Lanterna", á rua Senador Feijó, 8-B, em nossa redação e com os membros da comissão, nas respectivas lojas e centros.

A GUERRA NO CHACO e a paz sul americana

Já vai para muito tempo que a ambição desmedida dos capitalistas ensanguenta o solo central da America do Sul.

O Chaco Boreal, riquissimo em jazidas auríferas, está servindo como teatro da luta onde se desenrolam os mais cruentantes morticínios que regista a história da America. Exércitos inteiros são exterminados pela metralha, sem a minima intervenção dos povos circunvizinhos. Até parece que os combatentes se esqueceram de que são irmãos!

O nacionalismo invocado pelos governantes não é mais do que uma bem urdida manobra para melhor iludirem o povo. Na realidade, as organizações capitalistas de Nova Iorque e Londres, são as que determinam e fomentam essas arrancadas nacionalistas que terminam sempre numa guerra sem quartel. Além disso, o capitalismo é internacional e, como tal, não reconhece fronteiras nem patrimônios que gravitem fóra do sistema capitalista; tanto a Bolívia como o Paraguai estão sujeitos ás oscillações do cambio e ás especulações de bolsa que se realizam em Nova Iorque e Londres.

De acôrdo com as operações bancarias são as operações militares; disso resulta que os povos paraguai e boliviano se aniquilam mutuamente, porque assim o exigem os altos interesses do capitalismo. Se assim não fôsse, não haveria causa que justificasse tamanha carnificina humana. Os povos de America são de origem comum e nunca a sua paz foi perturbada a não ser pela invação do sistema capitalista.

A guerra do Chaco Boreal não é mais do que o tóque de s'arme de uma futura conflagração sul-americana. Todos os povos de America, de uma hora para outra, ver-se-ão amarrados ao tronco de uma colossal chacina.

Os preparativos bélicos do Brasil, Argentina, Chile e Perú — nações estas sujeitas aos fluxos e refluxos do capitalismo internacional — bem claro nos ordizem o futuro de America. E, oh, extranho paradoxo! os governos sul-americanos queixam-se das dividas insolvéveis para com o capitalismo estrangeiro; no entanto sobra-lhes credito para abarroter seus arsenais de material bélico! Como se compreende isto!

As manobras capitalistas são mal subtils e os povos, por sua lagenidade ou por ignorancia,

são imbuídos e conformados com a velha cantiga de que ha necessidade de sacrificar-se pela "patria", pela "família" e pela "religião". Essa tétrica trilogia é o emblema de que o

acontece nas outras nações do America do Sul: a questão religiosa á a ordem do dia.

Todos esses preparativos bélicos que o capitalismo e o clero organizam é simplesmente

para manter o estado atual da sociedade com todos os seus horrores fundamentais. A desigualdade social que atualmente impera na sociedade e que tão desastrosos efeitos produz á especie humana, deve-se, em parte, aos sistemas religiosos, que não se cansam de pregar a mentira e a submissão, contanto que seus sacerdotes disfrutem as delicias da posição que ocupam. Da vida do povo pouco se importam. O essencial é que este obedeça cegamente aos dogmas religiosos. Que os exércitos se estralhem nos campos de batalha e que a miséria invada os larcs proletários não é de incumbencia da religião evitável, pois os clérigos são os primeiros a incentivar o fogo com a benção das armas fratricidas e a "comendação" das "almas" ao outro mundo. E' o povo de toda America, principalmente e os que produzem, que deve interessar-se em impedir que es-



Desta forma quer a burguesia solucionar o problema dos "sem trabalho"...

capitalismo usa e abusa quando tem necessidade de sacrificar aos povos.

Neste movimento armado que se desenvolve no Chaco Boreal, e que tende a ramificar-se por todo o continente sul-americano, não ha que extranhar a intromissão do Jesuitismo religioso. O clericalismo é parte integrante do sistema capitalista, e, como tal, tem que contribuir para sua conservação. Os altos interesses do Vaticano estão intimamente ligados aos destinos de America, e, ta vez, num futuro não muito remoto, as hordas vaticanas-cas transitarão o papado para este recanto do planeta.

Dal que, nestes últimos tempos, o clericalismo tem desenvolvido uma atividade extraordinaria com o fim de amordacar e sujeitar aos barbaros desígnios do Vaticano todos os povos da America do Sul.

Todo o movimento de encaenação e preparação do futuro teatro de operações politico-religioso-militar, está sendo habilmente orientado pelo dedo do Vaticano, e não é para devidas que seu ouro tambem esteja sendo movimentado para tal fim. Aqui no Brasil, o clero romano está fazendo o que bem entende. A mesma coisa

saas manobras dos governantes aliados ao clero surtam seus nefandos efeitos. Olhe-se despaixonadamente para o Chaco Boreal e ver-se-á quanto sangue está sendo derramado em provelto exclusivo do capitalismo e do clero. Os homens exterminam-se como feras, e está previsto, se continuar a guerra por mais algum tempo, esta cessará por falta de combatentes ou será prolongada indefinidamente com o pronunciamiento declavo do conflito armado em todo o continente sul-americano.

Ante a perspectiva sangrenta que ameaça o torrão americano, cabe á Associação Continental A. dos Trabalhadores, aos homens livres, empreender uma forte campanha contra o morticínio do Chaco e contra os demais Estados que se preparam para atirarem os povos numa tremenda carnificina sem precedentes na historia de America.

Trabalhadores! A Associação Continental é a vossa bandeira; só ela, que é um conjunto das vossas aspirações, poderá impedir que o clero e o capitalismo realizem seus macabros planos de extermínio mutuo entre os proletarios.

M. GARCIA

Um apêlo da A. I. T.

Para os que vivem tecendo hossa-nas ao "paraíso" russo, onde um monstro sedento de poder e de domínio impõe á sua vontade pelos milhares de tentáculos das suas organizações burocraticas e policiais, publicamos o seguinte apêlo da Associação Internacional dos Trabalhadores, (A. I. T.) chamando sobre ele a atenção do proletariado brasileiro:

"Da Russia chegam, com grande atraso, noticias alarmantes sobre a sorte de alguns nossos companheiros exilados em Voronége e Kourak.

Para atendermos á urgencia que ha em lançar o alarme aos companheiros esparsos pelo mundo, não é possível dar, agora, todos os detalhes e particularidades desse caso, mas o faremos proxima mente. Por ora nos limitamos a citar alguns que reclamam a intervenção imediata, coletiva e vigorosa dos trabalhadores da Europa e America e de todos os camaradas em geral.

1.º — O companheiro M. Rouvinsky, empregado como técnico em Kourak, foi preso e transferido para Voronége juntamente com outros companheiros. Para protestar contra essa arbitrariedade iniciou, ha uma semana, a greve da fome.

Já doente gravemente do coração, este companheiro se encontra em perigo de morte.

2.º — Entre os companheiros presos contemporaneamente em Voronége, encontra-se A. Baron, um dos nossos melhores camaradas, continuamente citado em nosso "Boletim", de ha muitos anos vítima de feroces perseguições dos inquisidores russos. No seu ultimo exilio havia encontrado um pouco de calma. Estava nas lides do seu trabalho quando foi improvistamente preso e encerrado na prisão em circunstâncias tais que a sua propria companhia ignora o que tenha havido com ele. Está tambem doente e os bolchevistas teriam grande satisfação em desembarcar-se dele definitivamente. Tambem a sua vida corre perigo.

"Não citamos, por agora, senão estes dois nomes.

E' preciso protestar imediatamente e eficazmente contra a prisão desses camaradas e exigir a sua liberdade. Trata-se de salva-los de morte iminente.

"Nós apelamos para que os camaradas façam tudo quanto seja possível para constringer os abutres a largar a presa.

"Que os nossos jornais, em todos os países, mandem telegramas de protesto ás embaixadas da U. R. S. S.

"Que as organizações operarias, (grupos, centros, sindicatos, cooperativas etc.) façam o mesmo!

"Mandar protestos diretamente ao governo bolchevista.

"Sobretudo que se faça qualquer coisa, porque não há tempo a perder.

"Dai-nos a mão, companheiros, para salvarmos as vidas dos nossos camaradas arrancando-os á tirania do governo russo.

22 de Abril de 1934.

Fonds de Secours de l'A. I. T.

ESTILHAÇOS... Empedernidos

Núm mltico torpôr de quem podere, Envalto em negro vto de árida fadaria, O infeliz e paupérrimo operario As mãos aos céos levanta, em vto [preco.

E implora a deus, que aos ricos enriquece, Que nunca a faltar venha o parco salario, O já mingnado e misero salario Que de tristezas o seu casebre tece.

Prêdindo, ofre pelo seu filhinho, O enfero doce, o encanto do seu ninho, Tão pobre, tão roquico e indefeço.

E dese deus de nobreza, alheio a tudo, Núm vil desdém, hipérita e bem mudo Lança-lhe em rosto o esdrúxulo do [preco.

Guaratinguetá.

Paulo Guimarães Almeida.



Comunicados e reuniões

COMISSÃO REORGANIZADORA DA CONFEDERAÇÃO OPERÁRIA BRASILEIRA

Proseguem animadores os trabalhos da Comissão da C. O. B.

No dia 13 do corrente efectuou-se uma reunião geral de todos os delegados já nomeados por vários sindicatos desta capital, juntamente com os componentes da Federação Operária e de delegados de várias agrupações, sendo ventilados vários assuntos.

Foi nomeado um secretariado para a reorganização da C. O. B., que trabalhará em comum com as representações directas das organizações aderentes.

Amanhã, domingo, às 9 horas da manhã, na sede da F. O. de S. Paulo, à rua Quintino Bocaiuva, 80, haverá nova reunião dos delegados e dos secretários, sendo indispensável a presença de todos, pois os assuntos a tratar são de vital importância para a concretização desta iniciativa.

LIGA OPERÁRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Está convocada para amanhã, às 9 horas, uma grande assembleia geral da classe, para fins de propaganda.

Esta associação fez distribuir um longo manifesto à classe, que, por escassez absoluta de espaço, somos obrigados a dar somente a parte final, assim redigida: — A organização é um meio eficaz que temos para pagar para a conquista dos nossos direitos. Desorganizados, seremos o que sempre fomos: homens sem direito à vida; organizados, conquistaremos o direito de viver e de ser livres.

Na assembleia de amanhã farão uso da palavra vários companheiros, sobre a triste condição em que vivem os trabalhadores da C. Civil.

Todos, pois, à reunião da rua Quintino Bocaiuva, 80, onde está instalada nossa sede social.

UNIÃO DOS ARTIFICES EM CALÇADOS E CLASSES ANEXAS DE S. PAULO

(Filiada à F. O. S. P.)

Realizou-se segunda-feira, dia 18 p. p., mais uma importante assembleia da classe, na qual se tratou com insistência da reorganização dos trabalhadores em curso. Deliberou-se também convocar uma reunião de militantes para 4ª feira, dia 20, que se realizou e à qual compareceu considerável número de companheiros de diversas classes, inclusive os companheiros da casa Pantalão Nicolette, que, em vista dos propósitos do industrial em querer rebaixar a mão de obra em 500 réis por par, deliberaram nomear uma comissão e exigir do industrial o preço anterior, resolvendo ir à greve no caso de não serem atendidos.

A mesma atitude tomaram os companheiros da casa Grasin, que são em número de 10.

Bravos, companheiros!

A nossa atitude contra os sugadores do sangue dos trabalhadores de-

ve ser essa, com resolução, com firmeza. Contra todas as manobras, lutas, artimanhas do patronato devem os artífices em calçados responder com bondade e altivez.

Aos companheiros empilhados na luta, a nossa solidariedade.

Para segunda-feira proxima, são convidados os sapateiros de São Paulo, a fim de acompanharem o percurso acontecimentos e orientarem-nos para toda e qualquer eventualidade que surgir.

Quarta-feira proxima, às 20 horas, haverá uma reunião geral de militantes da classe.

A Comissão Executiva.

UNIÃO DOS OPERÁRIOS METALÚRGICOS (Filiada à F. O. S. P.)

Companheiros do ferro e aço!

A União convida a todos os militantes metalúrgicos para comparecerem à reunião que se realizará no dia 20 do corrente, na sede social, à rua Quintino Bocaiuva, 80.

O assunto a se tratar é de máxima importância. Urge que tomemos providências no sentido de erguer mais alto o nível moral da classe, e isso só é possível dentro do nosso sindicato, que constitui o baluarte de defesa dos nossos direitos.

A Comissão Executiva.

SINDICATO DOS MANIPULADORES DE PÃO, CONFEITEIROS E SIMILARES (Filiada à F. O. S. P.)

No intuito de melhor atender aos interesses da classe, o Sindicato dos Manipuladores de Pão, Confeiteiros e Similares acaba de instalar, à rua Piratininga, 2-sub, uma sua sucursal, onde poderão ser atendidos os componentes da classe do bairro do Braz.

Para a sua instalação foi distribuído um manifesto à classe, expondo os motivos desta medida e convidando os trabalhadores em padarias a congregarem esforços para a defesa dos seus interesses.

UNIÃO DOS CANTEIROS DE SÃO PAULO

Dia 1 de Julho proximo, no Salão Itália Fausta, à rua Florencio de Albuquerque, 41, haverá assembleia geral da classe.

LIVROS EM ITALIANO

Aos camaradas que leem em língua italiana, avisamos que recebemos alguns exemplares de cada uma das seguintes obras: *Fra Contadini*, por Malatesta — *Política e Magistatura*, por Fascismo e Democracia, por S. Merino — *Banchetto del Cancrì e L'Italia fra due Crispi*, por Armando Borghi — *L'ora di Maramaldo*, por Verginia DiAndréa — *La Marcia di Roma*, por C. M. Cantoni — *L'Amore Popolo e lo Stato*, por A. Blok — *Federalismo e Libertà*, por Moiaschi — *Morale e Religión*, por C. da Lodi — *Che cosa è L'Anarquia?*, por I. Fabri — *Um Federalista Russo* — *Kropotkine* por C. Bernieri — *La Rivoluzione Russa e il Partito Comunista*, por A. Berkanan — *Al Giovani*, por P. Kropotkine.

Destes livros e folhetos temos apenas de 2 a 5 exemplares de cada um. Os camaradas a quem interessarem poderão adquiri-los em nossa sede, nas primeiras horas da noite de qualquer dia.

Um jornal desta capital publica, no dia 10 do corrente, um telegrama de fabricadad, em que se descreve, com abundancia de pombores maadros, que na cadeia local haviam perecido, de fome e de frio, dois doentes. Dizia mais que, por falta absoluta de verba, a policia local não podia socorrer aos delicatos enfermos existentes em seus nauseabundos celabofcos.

Essa noticia, que foi publicada como um fato vulgar, num domingo, da em que as inumeras filhas de Maria são a missa, quando a modidade masculina, convenientemente trabalhada pela imprensa burguesa, passa o dia a discutir, vociferar, eferenciando, gesticulando e se esbofando por causa dos jogos de futebol e de box, não teve, essa noticia, nenhuma repercussão na opiniao publica. Morrerem de fome e de frio dois enfermos que tinham por protector o E. Tado, nas pessoas da autoridade policial e do carcereiro de laboricabal, numa fofoca como a que atravessamos, em que os balaquetos politicos succedem-se uns aos outros com um ritmo acelerado na disputa de votos do proximo torneo eleitoral, so a nós me nos é que podiamos indignar, pois no grande publico so-impres lamam as coisas aporatosas e... patrioticas.

Nesses mesmos dias, num dos tantos basquetos em que a Pôr da sociedade toma parte, foi aventada a ideia de immortalizar-se no tronco um homem que no seu estado social se teve um merito enorme: mandar matar, na trecheiras, os seus semelhantes. Mal foi exposto o nome intento da immortalização, um Cezario, presente, subterrecenmente coustas de rês para lã bela, iniciativa. Como veem os leitores, no seio da burguesia cultivejada não fallam homens capazes de abrir a bolsa, pois e o possuem; o que falta em toda esta gente, é sentimento de fraternidade, de solidariedade humana. E essa solidariedade e fraternidade não podem existir no regime em que vivemos, por que as bases fundamntais do capitalismo e do principio de autoridade são justamente feitas de crimes e de infamias, do selvajismo que caracteriza a nossa civilização.

LEITURA QUE RECOMENDAMOS

EDITORIAL "A SEMENTEIRA"

CAIXA POSTAL 19

Os nossos livros no Interior

Os nossos amigos e camaradas do interior podem adquirir os livros e folhetos de nossas edições com os seguintes companheiros:

Campinas — Atílio Pessagno — na ed. da Lica Anticlerical, à rua Regente Feijó, n.º 1045.

Pocos de Caldas — A. Vizzoto.

Santos — Anibal Silva — sede da Liga Anticlerical — rua 15 de Novembro, 50.

Recife — S. Miranda, na sede da U. O. da C. Civil.

Ponta Porã — Na livraria do sr. D. Norte de Souza.

Floriano (Piahu) — Na livraria do sr. Mateus S. Matos.

Sorocaba — Na livraria Gusmão.

Offmela — Antonio A. Fernandes.

Miraflores — Aristides Coelho.

Merilã — Com o Grupo "Aurora do Porvir".

Rio Preto — João Mantovani.

Anapolis — Na livraria do sr. Antonio Gomes Pinto — Largo da Matriz.

Jundiaí, com Laudelino Leite, na sede do Sindicato dos Ferroviarios.

Porto Alegre — Livraria Internacional.

Monte Azul — Domicio M. Guimarães.

Baurá — "Salão dos 200", rua Batista, 165.

Livros que recomendamos:

S. Faure — "Deus Existe?" Doze provas da inexistencia de Deus — Um exemplar, 3500.

J. C. Boscato — "Verdades Sociais" — 1 volume de 150 paginas, capa a cores, 4000.

Benjamin Mota — "A Razão contra a Fé" — 1 volume, 4800.

Maria Lacerda de Moura — "Ferrer — O Clero Romano e a Educação Laica" — 1 vol. de 90 pag., 2500.

Abade João Meslier — "Abusos e erros do Catholicismo" — 1 exemplar 2500.

Sebastião Faure — "A Dor Universal" — 1 volume, 8800.

Florentino de Carvalho — "Da Revolução à Libertade" — 1 vol., 4800.

Florentino de Carvalho — "A guerra Civil de S. Paulo" — de 1912 — 1 vol me, 2300.

P. Kropotkine — "O Anarquismo" — 1 volume de 250 paginas, 5800.

P. Kropotkine — "A Conquista do Pão" — 1 volume, 4800.

Munições para "A PLEBE"

Contribuições, assinaturas e venda avulsa na redação

C. Civil, 85; Aroca, 38; Doca, 45; Eulencio, 7200; Manho, 48; V. R. Luque, 208; um camarada alemão visitando a redação, 105; Travassos, 25; Sintiz, 105; Merino, 25; Moreno, 105; e venda avulsa até o n.º 64 — 67108. Total — 157500.

Nucleos de contribuintes — J. Pinto, 105; Valente, 105; Ermanno, 35; Amiga Vitoria, 25; Afonso, 25 — Total, 27500.

VARIAS LOCALIDADES

Anapolis — Pinto, 83200; Lages — C. S., 105 e J. Andrade, 105; P. de Caldas — Veronesi, 55; Baurá — J. Soares (venda avulsa), 343500; Palmeiras — Irmãos Agotani, 205; Guará — Coelho, 35; Araraquara — Nogueira, 55; Manéco, 25 e Albino, 25 — Total, 995700.

De Campinas — Pacoteiros: Atílio, 125; P. Passalo, 48; I. P. Silva, 15 e Vergilio, 35. Lista n.º 21 — V. Passano, 55; A. Passano, 55; P. P. Filho, 58600; Odono, 55; A. Freitas, 105; Derondel, 55 e Bagnoli, 25 — Total de Pacoteiros e Lista — 605400.

Do Rio de Janeiro — J. Pierre, 258; B. B., 105; J. Pontes, 165 e dos camaradas do Rio, 2435 — Total, 2965000.

NOSSO BALANCETE

ENTRADAS	
Saldo do festival de 26-5-934	1715000
Contribuições na redação	1575000
Nucleos de contribuintes	275000
Varias localidades	995700
De Campinas	605400
Do Rio de Janeiro	2965000
Total	9398800

DESPESAS	
"Deficit" anterior	4845100
Confecção e compilação do n.º de hoje	4208000
Sêlos para expedição e correspondencia	258200
Um boço para mata-borrão, barbante, e 6 parafusos para colecionadores	108500
Total	9298800

CONFRONTO	
Despesas	9298800
Entradas	8118900
"Deficit"	1279900

A GREVE DOS FERROVIARIOS DA OESTE DE MINAS

Os jornais veem se ocupando nos ultimos dias, em seu noticiario, do movimento grevista que irrompeu na E. F. Oeste de Minas, de cujos motivos não estamos bem ao par. Como não queremos informar os leitores de "A Plebe" sem fundamento de causa, voltaremos ao assunto, limitando-nos, por hoje, a registrar o fato, pelas noticias confusas da imprensa diaria.

"Quem não deve, não teme"

Aforismo batido, este do titulo supra. Nem por isso, porém, deveremos deixar de o repetir. Isto vem a proposito, por acabarmos de ler a noticia de uma sessão publica integralista, nesta cidade toda apostólica e carola — Santos.

Na referida noticia se lê o seguinte: Deverão comparecer os 1.º e 2.º grupos dos sub-decurços, devidamente encamissados, para fazerem o policiamento do Saldo. Bonito! Extraordinario! Quer isto dizer que os integralistas não tem confiança na assistencia? Temem que esta seja composta de desordeiros, ou, então, temem que estes assistentes percebam a miseravel mistificação politico-jesuitica, e se insurjam contra os embusteiros. Assim, quem deve, teme; quem não deve, não teme. De féria que os canteiros das comisarías de Santos são todos uniformizados de verde-azulona a fim de fazer reclame para os seus patrões venderem o sortimento de camisas. Palhaços! Destes nada ha a temer, pois temos companhia deles. Qualquer meca dusta de trabalhadores rudes mas honestos, será capaz de os obrigar a fazer frente com o barba das pernas, isto é, os fará correr, sistema este já ensaiado em Niterói.

Porém ha o perigo maior. Este não é o representado por decurias nem centurias de caiveiros de lojas de turco. É o das centurias de s que, à mesma hora em que se realizam as sessões publicas para desfiar a porca, realizam, noutras partes, intimamente unidos como unha e carne, reuniões secretas, onde se combina a melhor maneira de fazer a ofensiva, com a tal marcha do "anauh" sobre o Rio.

E nista se combinam admiravelmente todos os jesuitas de castea e de batina, e alguns bachareis falidos, verdadeiros saltimbancos e oportunistas. Precavinha-se o proletariado, os autiscletriais e todos os que aspiram um viver mais equitativo. Por detraz do repeteiro é que está o perigo. O importante não está em combater o inimigo incullo.

Nós que nada devemos, nada tememos. Mas precisamos defender-nos contra a maquiavelica engrenagem integralista.

UM ANTIFASCISTA DE SANTOS

Sabado, 30 de Junho

Grande Festival da Federação Operária de S. Paulo

Os trabalhadores filiados à Federação Operária de São Paulo vão ter, na noite de Sábado, 30 do corrente, mais um grande festival de confraternização proletária.

- PROGRAMA:
- 1.ª Conferencia da companheira Isabel Cerrutti.
 - 2.ª Representação de AO RELENTO, de Afonso Schmidt.
 - 3.ª "O Herói e o Viandante" (diálogo).
 - 4.ª Recitativos e monologos.

Todos os trabalhadores concientes devem comparecer a este festival, não só pelas horas agradaveis que o programa lhes proporcionará, como pela alta finalidade desse ato de propaganda social.

Os convites podem ser procurados nas sedes dos respectivos sindicatos, e na redação de "A Plebe", à ladreira do Carmo, 9.

Por R. C.

Em um jornal de Varginha, "o sul-mineiro", encontramos este artigo que recomendamos aos leitores de "A Plebe" e que reproduzimos com a devida venia:

Não há muito tempo, dissemos por estas colunas que o Integralismo, no Brasil, não passava de uma intrujice, e que o seu chefe Plínio Salgado não era mais do que um novo Profeta da Gávea, concorrendo com Laureano Ojeda.

Agora, como se vê do noticiário da imprensa da pátria, revela-se o Integralismo na sua verdadeira substância, que é a falsidade e a má fé: a "falsidade dos processos de Plínio Salgado" e a "má fé" que preside ao movimento.

Convém notar que "má fé", no caso vertente, não significa dolo, mas uma fé pagã com que os "leaders" católicos do Rio Grande não quiseram conungar, abandonando o movimento e publicando no "Diário de Notícias", de Porto Alegre, um longo documento em que fazem sérias acusações à chefia nacional.

Não vamos apreciar aqui, na sua intimidade, as razões daquelas egressões, mas encara-las apenas pelo seu exterior, como simples fenômenos provocados pela ausência de critério que orientou ou, mais propriamente, desorientou o movimento verdoengo.

Plínio Salgado nunca foi homem que alimentasse a fé do carvoeiro, essa fé surda e cega: surda como um lagarto à verdade científica, e cega como uma coruja ao meio-dia.

Quando dava suas entrevistas, perdia-se em transcendentalismos pseudo-filosóficos, emitia pensamentos mirabolantes, tinha surtos de orador, nefelibata; mas não dizia claramente ao que vinha, não revelava em termos ponderáveis, em períodos sólidos, em frases de cimento armado, a finalidade, o plano, a realidade imediata que o seu sistema político colimava.

Numa entrevista que dá o "Avante!", certa vez afiurou-se nos um poeta futurista desenvolvendo um tema metafísico, qual o da possibilidade de aperfeiçoamento do Inconcebível.

O "profeta" disse coisas do outro mundo! Só faltou explicar o que tudo aquilo queria dizer.

Nós, cá de casa, constituímos-nos em comissão para decifrar o palanfrório do Edipo de camisa verde, sem nenhum resultado. Uma charada intrincadíssima a tal história! Ficámos, força é confessar, verdadeiramente engastalhados.

Mas o que Plínio mirava, com o seu galimatias duplo, era conquistar os amadores de enigmas e charadas, por saber que o número de desempregados era grande, e estes, para matarem o tempo, dedicavam-se ao "esporte" de dar tratos à boia.

Por outro lado, procurava despertar-lhes o interesse com um proveito material imediato, acenando-lhes com uma camisa cor de azeitona branca, boa isca para apanhar "piaba" numa época de fome e nudez.

Assim foi indo o novo "profeta" com o seu tabernáculo às costas, de S. Paulo ao Rio, do Rio a Belo Horizonte, dali regressando, sempre indefinido, sempre manhoso e sibilino, até o dia em que os "leaders" católicos resolveram não mais acompanhá-lo, fiados na fé dos padrinhos ou dos padrões verdes, que estavam desbotando muito depressa, ao passo que Plínio, para remediar o mal, ia mandando tingir as camisas da cor de bode preto.

Estava entre a cruz e a caldeirinha!

Grande reboliço houve, então, no seio da irmandade; dissipou-se a última esperança de regressar à Idade Média; gorou, em suma, o sonho dos desocupados que aspiravam, por efeito de um passe de mágica, aos títulos de senhores feudais, condes e barões, pensanistas do monarca, futuro Imperador do Brasil, D. Luis Sem Numero.

Este Plínio é mesmo salgado!

O diabo foi misturar o sal do batismo cristão com o do batismo simbólico dos pedreiros livres, produzindo a salga háda que aí está.

BREVEMENTE

TESEU — um drama social de G. Soler, em 3 atos, que será representado por um seléto grupo de amadores, em benefício de "A PLEBE".

Tratando-se de uma obra original em que o camarada G. Soler nos apresenta, em situações psicológicas distintas, o drama de humanidade sofridora, é grande o interesse que esta obra está despertando.

A PLEBE

S. PAULO, 23 de Junho de 1934

Macknó e a aplicação dos princípios anarquistas na Ukraína

A imprensa ocidental tem feito mais de uma vez menção aos "bandos" de Macknó. Seja-me permitido traçar sucintamente a sua composição e os fins pelos quais Macknó se batia.

A figura de Macknó aparece no cenário da revolução desde o seu começo. Era professor na escola de uma pequena cidade da Rússia meridional. Tendo participado, como anarquista, no movimento revolucionário de 1904 a 1906, havia sido condenado a trabalhos forçados por uma série de atentados contra a autoridade local. Libertado pela amnistia de 1917, voltou, logo em seguida,

A sua terra natal, para encontrar os meios de servir eficazmente à revolução. Já as forças contrarrevolucionárias principiavam a levantar cabeça em Meiodiá, apoiando-se em certos elementos cosacos. Macknó achou que a obra mais urgente consistia em formar, contra essas forças, destacamentos armados capazes de resistir em caso de necessidade. Principiou organizando algumas pequenas unidades que lutaram contra os cosacos de Kaledine e de Kornilof. Foi quando estalou a revolução de Outubro, na qual os bolcheviques se tornaram donos do poder. Os reacionários, por sua vez, aumentaram a sua atividade, pelo que Macknó teve também que multiplicar os seus destacamentos. Isto lhe valeu um aumento de simpatia e a estima dos camponeses de cujo seio havia saído, e que haviam podido apreciar a sua abnegação pela causa do povo; o seu prestígio ia se estendendo também fóra da sua provincia natal.

Concluída a paz de Brest-Litovsk, Macknó já não se encontrou em ferre dos reacionários, mas ante as tropas alemãs vindas para ocupar a região. Por isso os seus destacamentos foram destruídos pelas forças alemãs, bem superiores em numero e muito melhor municiadas. Teve que limitar-se à luta de guerrilhas com os destacamentos reconstituídos. Estes "bandos" armados atacavam os trens, desarmavam os soldados alemães, tirando-lhe armas, munições e provisões de toda a espécie, que escondiam, em vista de ulteriores operações.

Apesar dos seus esforços, não foi possível aos alemães pôr fim à atividade destes "bandos", compostos não somente de camponeses, mas também de operários da cidade. Com o andar do tempo, os "bandos" aumentaram em numero e força tal, que ao final da ocupação alemã, Macknó estava já em situação de apresentar aos alemães verdadeiras batalhas, e, chegado o armistício, de apresentar a partida dos mesmos.

O exército de Macknó estava unicamente composto de voluntários. Os camponeses, sabendo que defendiam a sua propria terra, se alistavam com entusiasmo, tanto os jovens como os anciãos. Os voluntários de outras partes tinham liberdade de ficar nas proprias povoações para acudir aos seus afazeres, ou de apresentar-se somente quando os acontecimentos o exigissem.

A popularidade de Macknó foi tanta, que os camponeses lhe chamavam Batko Macknó (o paizinho Macknó), e trocaram o nome da sua cidade natal (Gulai-Polé) pela denominação de Macknó-Polé.

Retirados os alemães, o pequeno exército de Macknó pôde ocupar um vasto território que se estende sobre as provincias meridionais de Ekaterinoslaw, Cernigor e Podolia; teve que combater, então, contra o governo do directorio Ukraniano e mesmo contra as forças bolcheviques. Estes ultimos, porém, não tardaram em reconhecer nele um verdadeiro revolucionário, e também, em razão de sua imensa popularidade, estabeleceram com ele um acôrdo que o autorizava a defender a seu modo, contra os reacionários, os territorios por eles ocupados. Seu trabalho se fazia, por outra parte, mais difficil por causa da intervenção, no inverno de 1918 a 1919 de novos e numerosos elementos contra-revolucionários: franceses, gregos e tropas de Denikin. O governo bolchevista lhe confiou o encargo de combatê-los na Crimeia. Conseguiu desalojar toda a península. Pelo qual os bolchevistas não lhe esconderam elogios e encomios de toda a espécie. Consequindo conquistar um vasto territorio, Macknó e seus companheiros emprenderam um trabalho positivo e reconstrutivo. Colonias comunistas-anarquistas foram organizadas em todas as localidades. Colonias completamente autonomas, cada uma administrada por um soviyet, porém concebido de um modo diferente aos soviets bolchevistas, os quais dependem para todas questões de maior importancia, de um organismo central. As colonias de Macknó mantinham entre si relações continuas mediante delegados que se

encontravam cada vez que era preciso discutir um assunto comum. O governo bolchevista não podia fazer menos que tolerar aquêl modo de proceder, em virtude de que os destacamentos de Macknó eram uma força que se fazia respeitar.

Os bolchevistas, não se atreviam a atacar diretamente as comunas de Macknó, e estudaram o modo de desfazer-las indiretamente, negando a Macknó armas e munições. Em Junho de 1918 foi necessario convocar um congresso extraordinario para discutir sobre a situação que se havia tornado grave. Enquanto por um lado,



Nestor Macknó, que, orientando os camponeses armados da Ukraína, derrotou Denekin e os austro-alemães chefiados por Wrangel, salvando a revolução russa.

as comunas, estendendo-se e multiplicando-se, exigiam um maior esforço construtivo e sistematico, por outro lado o exercito de Denikin se aproximava ameaçador. Foi esse momento o escolhido pelos bolchevistas para negar qualquer socorro militar aos destacamentos de Macknó.

Diante desta situação critica, Macknó applicou ao governo central a necessidade de armas para fazer frente à avançada de Denikin, perigosa, não somente para as comunas meridionais, mas também para toda a Rússia Soviética.

Os bolchevistas, conhecedores da situação critica da frente meridional, negaram a Macknó o novo pedido. Disposto a não abandonar o terreno à reação, Macknó propôs ao governo de Petrogrado retirar-se pessoalmente ao governo central achasse util enviar um comandante proprio para continuar a defesa, desde que se realizasse aos reacionários. Esta proposta também foi acolhida negativamente: ao governo bolchevista infundiam-lhe mais temor os anarquistas que os reacionários, a ponto de estar disposto a deixar livre o campo para estes ultimos. Nestas condições, as forças de Macknó tiveram que renunciar à luta e as comunas livres, criadas a preço de tanto esforço e tanto sangue, sucumbiram sob os golpes da reação.

Aqui convém assinaar um episodio caracteristico do carater firme de Macknó. Enquanto deixavam aniquilar as forças deste ultimo, os bolchevistas olvidavam o inimigo mais verdadeiro e maior, "o hetman" Gregorief. Era este um antigo oficial cosaco, que pñmeiramente esteve ao lado do directorio Ukraniano, e depois, quando a derrota deste ultimo se havia inclinado aos bolchevistas, estes lhe encomendaram desembaraçar o litoral do Mar Negro dos contingentes aliados.

Levado a cabo este encargo, foi enviado sobre a frente rumena para reconquistar a Besarabia. Como bom official do Czar, ele não se sentia disposto a lutar pelo interesse da revolução: guiava-o apenas um interesse pessoal.

Proclamou-se então "hetman" da Ukraína, rodeando-se de uma quantidade de individuos mais ou menos irresponsaveis e organizando bandos aos quais lhes concedia o direito de massacrar os hebreus, tudo a despeito dos bolcheviques, que não pareciam dispostos a favorecer seus projetos ambiciosos; Gregorief e seus sequazes constituíam uma séria ameaça que os bolcheviques não chegavam a desalojar.

Sabendo que estava imminente um conflito entre Macknó e os bolcheviques, Gregorief imaginou-se capaz de induzir Macknó a dispôr de seus "bandos" para que o ajudassem a estabelecer o poder absoluto na Ukraína. Nesse sentido, pediu-lhe uma entrevista, não suspeitando que Macknó, apesar de haver sofrido muito da parte dos bolcheviques, não acceitaria nunca uma proposta contraria a seu ideal revolucionario.

Macknó acceitou o convite, mas quando Gregorief se apresentou à entrevista, matou-o.

Assim teve fim a carreira deste aventureiro czarista. Voltamos à atividade de Macknó. Tendo-se assenhoreado da região meridional, os reacionários, o pequeno exercito de Macknó estava-se desmembrando. Mas o idealismo revolucionario não podia renunciar à obra principiada. Unido aos seus companheiros, continuou a luta na sombra. Constituidos os destacamentos à sombra das forças reacionarias, empreendeu as guerrilhas, como o havia feito com os alemães.

Seu exercito, reconstruido paulatinamente, atinou eficazmente a tarefa de levantar as povoações meridionais contra a ditadura de Denikin, e contribuiu com geral agrado para a libertação daquelas provincias do jugo da reação.

Foi essa a obra de Macknó, que os bolchevistas querem agora fazer acreditar que era um bandido.

Da Espanha anárquica

(Correspondencia especial para "A PLEBE")

Os ultimos acontecimentos do movimento anárquico, alguns dos quais já são do conhecimento das camaradas brasileiras, realçam a consistencia, o valor moral, a expressão altamente revolucionaria do movimento anarquista na Espanha. Como vêem os camaradas do Brasil, este povo, que já provou, em mais de 50 povoações algumas das quais cidades importantes, por algumas horas, o comunismo libertario, não entrega mais a cabeça gloriosamente rebelde ao jugo da tirania estatal.

Deveis estar ao par, pelas noticias dos jornais e das agencias telegraficas do que tem sido o grêve geral de Saragoça.

Um episodio dessa grande demonstração da consciencia revolucionaria, episodio que nem de longe vos podeis aproximar a sua verdadeira significação, foi a chegada, a Madrid, das crianças aragonesas, filhas dos grêvistas que os trabalhadores de Madrid iam receber para as sustentarem, aliviando assim a carga dos trabalhadores em grêve.

O que foi esse movimento é indescriptivel!

Ha varios episodios dessa demonstração de solidariedade que demonstram quanto ha de bello, de grande, de anárquico, nesse fato impressionante!

Dezoito mil familias de trabalhadores se subscrêveram, no comité organizado em Barcelona, para receber os filhas dos grêvistas.

Foi assim que responderam ao apêllo dos trabalhadores em grêve, reduzidos à mais extrema penuria, os trabalhadores do resto da Espanha.

Uma subscrição feita entre os trabalhadores, em Barcelona, pró-vitimas da grêve, rendeu, em dois dias, 35 000 pesetas.

Quando as crianças filhas dos grêvistas chegaram a Barcelona, mais de 30 000 pessoas, na sua maioria mulheres, esperavam em frente ao edificio onde está instalada "Solidaridad Obrera".

Quanto à disposição dessas crianças, filhas de trabalhadores conscientes que sustentavam com os exploradores do seu trabalho uma luta tenaz de resistencia moral extraordinaria, que já sentiam os lares visitados pela fome, basta transcrever as seguintes linhas que achamos num diario desta capital:

Os pequenos aragoneses, em numero de trinta e um, recolhidos ao asilo Wad-Rás, por ordem do Inspector de Saúde Pública, sr. Dancás, apesar da assistencia que se lhes presta estão desgostosos, e mais de um se recusou a comer enquanto as portas do estabelecimento benéfico não fossem abertas e destinadas as crianças, como se lhes havia dito, aos mineiros de Salent.

As crianças de hoje são mui diferentes das crianças de outrora. São pequenas, mas são rebeldes. Elas, como as pessoas grandes, viram de perto o fantasma da fome, só mitigada em parte pelas varonias palavras de um pai rebelde e forte ou então pelos beijos de ternura de uma mãe carinhosa. E ali, no asilo, abundará a comida e terão caminha decente e aseada; mas falta-lhe a voz do sangue, ainda que este seja de seres, como elas, vitimas do infortunio.

A disciplina do asilo é uma tortura para esses pequenos proletarios.

Eles amam o ar livre, as flores, os passaros, as montanhas, e nestes estabelecimentos não ha nada disso. O Estado poderá ter sido magnanimo; mas as crianças de Saragoça, sem idade ainda para aprofundar-se nestes problemas, nos hão ensinado, negando-se a comer, por que preço tem vendido até agora a escravidão os trabalhadores espanhóis. A açõ destas crianças é toda uma esperança do futuro.

Madrid. J. M.

Os jornais dos ultimos dias, em telegrama da Espanha, referindo-se a estas crianças, dizem que ao partir de Madrid, já no trem, davam vivas à Revolução e agitavam bandeiras anarquistas. (N. da R.)

ESCOLA MODERNA

A comissão pró-Escola Moderna comunica aos interessados que realizará na proxima quinta-feira, 28 do corrente, às 20 horas, no salão da rua Quintino Bocaiuva, 80, uma assembleia para tratar de assuntos de real importancia para a vida deste novel organismo de cultura pedagogica e social.

Espera-se que ninguém falte. A COMISSÃO.

Com o esforço de todos
"A PLEBE" poderá sair semanal